

Ano 18, Vol. XVIII, Núm.2, jul-dez, 2025, pág. 506-520.

“A GENTE VÊ QUE ELES TÊM AMOR AO IPÊ”: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ILHA DO MARAJÓ, PARÁ, BRASIL

Barbara Sepulveda¹

Edenise dos Anjos das Neves²

Mayara Larrys³

RESUMO

Este relato da experiência apresenta a implementação e desenvolvimento de um projeto de educação ambiental com crianças do ensino infantil, em uma escola ribeirinha da Vila de Santo Amaro localizada no município de Portel, localizada na Ilha do Marajó, Pará, Brasil. O relato conta com a descrição geral de uma das atividades realizadas durante o projeto, que consistiu em um plantio coletivo de um Ipê-rosa (*Handroanthus heptaphyllus*). Ao longo do processo, notou-se que as crianças desenvolveram afeto pelo Ipê, além de considerá-lo sua responsabilidade. Nesse sentido, o projeto aponta indícios de êxito no despertar da consciência ambiental nas crianças, bem como para a construção de uma cidadania ambiental, fundamental no combate às ameaças à sociobiodiversidade amazônica.

Palavras-chave: Educação Infantil; Plantio coletivo; Consciência ambiental; Cidadania.

ABSTRACT

These experience report presents the implementation and development of environmental education project with early childhood education children at a riverside school in the village of Santo Amaro, located in the municipality of Portel, Pará, Brazil. The report includes a general description of one of the activities carried out during the project, which consisted of the collective planting of a Pink Trumpet Tree (*Handroanthus heptaphyllus*). Throughout the process, it was observed that the children developed affection for the tree and considered it their responsibility. In this sense, the project indicates signs of success in awakening environmental awareness in children, as well as to the construction of environmental citizenship, which is essential in combating the threats of “progress” to the Amazonian socio-biodiversity.

Keywords: Early Childhood education; Collective Planting; Environmental awareness; Citizenship.

RESUMEN

Este relato de experiencia presenta la implementación y desarrollo de un proyecto de educación ambiental con niños de la educación infantil, en una escuela ribereña de la Villa de Santo Amaro, ubicada en el municipio de Portel, en la Isla de Marajó, Pará, Brasil. El relato incluye la descripción general de una de las actividades realizadas durante el proyecto, que consistió en la siembra colectiva de un Ipê-rosa (*Handroanthus heptaphyllus*). A lo largo del proceso, se observó que los niños desarrollaron afecto por el árbol, además de considerarlo su responsabilidad. En este sentido, el proyecto muestra indicios de éxito en el despertar de la conciencia ambiental en los niños, así como en la construcción de una ciudadanía ambiental, fundamental para combatir las amenazas del “progreso” a la sociobiodiversidad amazónica.

Palabras-clave: Educación infantil; Siembra colectiva; Conciencia ambiental; Ciudadanía

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: bsepulveda@gmail.com. País: Brasil.

² Secretaria Municipal de Educação de Portel. E-mail: edenisedosanjos@gmail.com. País: Brasil.

³ Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: bsepulveda@gmail.com. País: Brasil.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Este é um relato de experiência sistematizado pelas autoras a partir do diálogo e compartilhamento das vivências de uma das autoras em um contexto da educação infantil. A professora da rede municipal de ensino é vinculada à Escola Referência Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Estefânia Monteiro (EEM), localizada no município de Portel na ilha do Marajó, Pará, Brasil. A partir de vivências cotidianas e por considerar o contexto das crescentes queimadas em diferentes regiões da Ilha do Marajó, a professora decidiu criar um conjunto de atividades (iniciadas no ano de 2023) que fossem direcionadas aos seus alunos da educação infantil e tivessem por objetivo conscientizá-los sobre a importância do meio ambiente.

A Ilha do Marajó é a maior ilha fluviomarítima do planeta, localizando-se ao norte do Pará e compreende 16 municípios do estado, incluindo Portel (Pará, 2024). As cidades possuem diversas escolas, como a EEM, que estão situadas no contexto conhecido como ribeirão, isto é, localizadas às margens de rios. Para acessá-las, os alunos utilizam do rio como principal via de transporte, com embarcações de diversos tipos e tamanhos como meios de transporte fluvial. A Escola Estefânia Monteiro se encontra às margens do Rio Anapu, na Vila de Santo Amaro (Figura 1).

Figura 1: Fachada da Escola Referência Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Estefânia Monteiro, Portel, Pará.



Fonte: Arquivo das autoras, 2025.

A Ilha é conhecida principalmente pelas belezas naturais que fomentam o turismo na região. No entanto, infelizmente, o Marajó também é conhecido no Brasil pelos baixos índices

de escolaridade e desenvolvimento humano (Legislativo, 2013). Em escolas como a EEM, os professores enfrentam dificuldades com infraestrutura, formação de professores e com as questões socioambientais que permeiam a realidade das famílias nas comunidades do entorno.

Partimos então da premissa de que a educação infantil é o local de construção dos valores iniciais da construção humana e cidadã, contribuindo para o desenvolvimento de responsabilidades sociais e compreensões acerca do mundo (Craidy; Kaercher, 2009). Nesse sentido, temos por objetivo descrever e discutir as ações de educação ambiental realizadas pela professora, no contexto da educação infantil (pré-alfabetização), na Escola Referência Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Estefânia Monteiro, em Portel (Pará), como possibilidade de uma educação crítica e para o meio ambiente.

SISTEMATIZAÇÃO DO PROJETO

As motivações para a elaboração do projeto foram derivadas de problemas e questões socioambientais observadas nas vivências cotidianas escolares e extra muros da escola. Natural de Breves (Pará), município também localizado na Ilha do Marajó, a professora vivenciou em sua família a destruição de sítios e terras de produção familiar por conta do avanço das queimadas. As queimadas criminosas são uma triste realidade durante o período mais seco na Amazônia, o que causa incêndios em áreas de proteção ambiental, terrenos de famílias subsistentes e até mesmo no território da própria floresta.

Um dos principais objetivos também para a realização das atividades voltadas a educação ambiental está relacionado a ressignificar a visão que a comunidade tem sobre a educação infantil. De acordo com a professora, a comunidade enxerga as turmas de educação infantil mais como uma rede de apoio do que como espaço de formação. No entanto, acreditamos que a educação infantil é um local de aprendizado, além de atuar no desenvolvimento de emoções e sensibilidades com o mundo (Craidy; Kaercher, 2009).

Nesse sentido, a partir de um viés crítico da educação ambiental, a professora pensou e sistematizou ações que pudessem ser realizadas com as crianças da turma de educação infantil da EEM durante o ano de 2023, que pudessem contribuir para o aprendizado e construção de cidadania. Uma educação ambiental nessa perspectiva considera as relações humanas, sociais, econômicas e culturais na mesma dimensão da relação com a natureza, visando superar lógicas colonialistas de dominação e exploração do planeta (Reigota, 2009; Tristão, 2016). Trata-se de uma abordagem que

Está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e cidadãs na busca por soluções alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (Reigota, 2009, p. 13).

Para que isso seja efetivado na educação infantil, as crianças precisam ser estimuladas a interagir com outros seres vivos não humanos e com os demais elementos da natureza. “A natureza, o gosto pelo cuidado da terra e a ‘magia’ que se esconde no simples desabrochar de uma flor deve ser estimulado desde a primeira infância” (Grzebieluka; Kubiak; Schiller, 2014, p. 3887). Krenak (2022) também diz que é necessário que as crianças tenham a oportunidade de se sujar na terra, brincar fora das construções humanas para que aprendam a cultivar amor pela Terra.

Sendo assim, a professora pensou em utilizar de datas especiais, como o Dia da Árvore, Dia da Água e o Dia do Meio Ambiente como marcos para atividades realizadas durante os meses com os alunos, como uma motivação para eles apresentarem entre si os resultados de suas atividades. Dentre as atividades que foram pensadas estão: plantio de hortas para consumo na própria escola (Figura 2), aulas-passeio com comunitários idosos sobre preservação da natureza, construção de árvores manuais, atividades com massa de modelar, dentre outras (Figura 3). O plantio da horta foi feito como parte do projeto, mas contou com a participação da comunidade inteira, incluindo servidores da escola, pessoas responsáveis pelos alunos e os próprios alunos. O objetivo foi contribuir para a autossustentabilidade da EEM, de modo a produzir parte da alimentação da instituição.

Figura 2: Mosaico de fotografias da colheita da horta comunitária da Escola Estefânia Monteiro.



Fonte: Arquivo das autoras, 2024.

Figura 3: Mosaico de fotografias das diversas atividades de educação ambiental realizadas no ensino infantil pela professora Edenise na Escola Estefânia Monteiro.



Fonte: Arquivo das autoras, 2024.

PLANTIO DO IPÊ-ROSA

Na entrada da Escola Estefânia Monteiro, a professora notou que havia espaço disponível para o plantio de uma árvore que poderia contribuir para a arborização da área. Sendo assim, conseguiu uma muda da árvore da espécie Ipê-rosa (*Handroanthus heptaphyllus* – Figura 4). A árvore possui crescimento rápido e, no período de floração, perde todas as folhas para dar lugar as flores de cor rosa, que embelezam as paisagens e costumam ser alvo de admiração.

Figura 4: Muda de Ipê-rosa doado pela professora para o plantio na escola.



Fonte: Arquivo das autoras, 2023.

Com a muda em mãos, a professora decidiu fazer a experiência de plantio coletivo com seus alunos da educação infantil. Para isso, reuniram-se no dia 21 de setembro de 2023, o Dia da Árvore, em frente à escola e fizeram o plantio da muda (Figura 5).

Figura 5: Plantio da muda de Ipê-rosa na entrada da escola.



Fonte: Arquivo das autoras, 21/09/2023.

Vale ressaltar que as crianças da turma ainda não foram alfabetizadas, sendo essa uma atividade essencialmente prática e manual, que contribui para o desenvolvimento da criança e para as interações sociais. Além disso, possibilitou o contato direto com a natureza para além da sala de aula, o que motivou a participação dos alunos (Grzebieluka; Kubiak; Schiller, 2014).

Após o plantio, os alunos juntamente a professora, se dedicaram a regar o Ipê-rosa todos os dias. As próprias crianças a lembravam da atividade dizendo “vamos regar o ‘etê’?”, em referência ao nome Ipê. Acabaram por se afeiçoar ao Ipê-rosa, vibrando a cada indício de crescimento e se sentindo responsáveis por manter as condições para que a árvore crescesse saudável.

No entanto, alguns meses depois do plantio, um aluno do ensino fundamental arrancou o Ipê-rosa do local para brincar, o que causou sérios danos na muda da árvore. Por conta disso, o aluno foi responsabilizado pela escola e pelo líder da comunidade, que indicou que ele levasse a muda para casa e reabilitasse até o replantio. Cinco meses após o incidente, o aluno retornou com o Ipê-rosa em bom estado para escola.

Esse processo para o aluno foi interessante, pois o que começou com uma brincadeira de mau gosto, acabou com o afeiçoamento do aluno pela planta. A professora diz que isso tudo foi ainda mais interessante, pois a família do aluno trabalha com extração de madeira. Aquilo que ele entendia apenas como recurso financeiro para a família acabou por se tornar um ser vivo sob sua responsabilidade, e pelo qual o aluno desenvolveu afeto. Ao final da reabilitação da muda, a professora conta que ele não queria devolver, pois havia cultivado carinho pela pequena árvore. Depois de um diálogo explicando que, na escola, todos poderiam ter acesso ao Ipê-rosa e cuidar para mantê-lo íntegro, o aluno devolveu.

Após a devolução da muda, foi feito o replantio no dia do meio ambiente (5 de junho de 2024), com a presença dos alunos e uma nova comemoração pelo retorno da árvore a escola (Figura 6).

Figura 6: Replantio do Ipê-rosa no dia do meio ambiente, após o retorno para a escola.



Fonte: Arquivo das autoras, 05/06/2024.

Outra ação notável foi do dia 21 de setembro de 2024, no qual foi comemorado o primeiro ano do Ipê-rosa (Figura 7), que contou com a participação de algumas crianças que estiveram no plantio e novas crianças que ingressaram na escola. Ainda que não tenham participado do plantio em 2023, a professora garante que os novos alunos do ensino infantil vêm se engajando nos cuidados com o Ipê da mesma forma que os alunos que fizeram o plantio.

Figura 7: Fotografia da comemoração do primeiro ano do Ipê-rosa no dia 21 de setembro de 2024.



Fonte: Arquivo das autoras, 21/09/2024.

O projeto continua ativo com essa perspectiva de “humanização” do meio ambiente. A comemoração do aniversário é interessante pois é uma forma de aproximar a planta dos afetos realizados entre humanos, como cantar “parabéns” e comemorar coletivamente.

Esse tipo de ação corrobora com o que Krenak (2022, p.101) diz sobre “nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos”. É fundamental que a educação ambiental vá para além de aprender “boas condutas ambientais”, como onde jogar o lixo corretamente. É necessário que sejam estimuladas relações sociais com o restante da natureza, de modo a incluir os demais seres no cotidiano não como recurso, mas como companheiros.

No entanto, a professora conta que pessoas de fora da comunidade possuem algumas atitudes hostis em relação ao Ipê, com certa relutância em aceitar o projeto e a causa defendida. Inclusive, com apoio do líder comunitário, já foram feitas rodas de conversa com a comunidade sobre a importância da preservação e manutenção das árvores, mas ainda existem atos de vandalismo que tentam impedir o avanço do projeto. Apesar disso, o Ipê-rosa segue crescendo saudável (Figura 8), com o apoio e os esforços das crianças do ensino infantil e da comunidade escolar que acreditam que a educação ambiental vem dessa base de convivência e respeito com os demais seres vivos do planeta (Figura 9).

Figura 8: Fotografia do Ipê-rosa de 14 de janeiro de 2025.



Fonte: Arquivo das autoras, 2025.

Figura 9: Professora e turma de alunos do ensino infantil responsável pelo plantio do Ipê-rosa.



Fonte: Arquivo das autoras, 2024.

“PARA SER UM CIDADÃO CONSCIENTE E EMPÁTICO COM TODAS AS FORMAS DE VIDA”

Dentre os impactos gerados pelas atividades de educação ambiental na vida dos alunos da educação infantil, a professora percebe um aumento da empatia entre os colegas e com os demais seres vivos. As crianças passaram a se responsabilizar pelas suas ações no planeta e chamar atenção das pessoas que não cumprem as boas maneiras (como jogar lixo no chão). Também foi notada a mudança no comportamento do aluno (mais velho) que vandalizou com a planta, que depois de ser responsabilizado pela reabilitação da espécie vegetal, acabou se afeiçoando a ela, se dedicando mais aos estudos e respeitando as demais formas de vida que convivem na comunidade.

Além disso, as crianças cultivaram uma relação de carinho e preocupação com o bem-estar do Ipê-rosa e das plantas em geral. De acordo com Craidy e Kaercher (2009), a criança

nessa idade (3 a 7 anos) precisa de interação com outras pessoas e com o mundo para conhecer e atribuir significados. Esses significados que são criados podem se transformar em valores fundamentais para orientar suas ações e seu caráter como adulto cidadão.

É então que entra o papel da educação infantil em proporcionar experiências, como as relatadas aqui, que favoreçam a interação com os demais elementos da natureza e que sejam suporte para formar seres humanos críticos. Esse contato ainda na infância com plantas e outros bichos estimula a convivência saudável entre seres humanos e outros seres vivos, construindo bases de coletividade (Krenak, 2022).

Esse tipo de discussão também contribui para o combate à crise climática, que é uma realidade atual e precisa ser levada em consideração em todas as práticas educativas. Nesse sentido, a educação ambiental na educação infantil pode fomentar medidas mitigatórias, como por exemplo ensinando sobre a importância da preservação, o plantio de árvores, o consumo consciente, dentre outras possibilidades (Grzebieluka; Kubiak; Schiller, 2014).

Todavia, esses aprendizados também podem atuar diretamente na construção de valores fundamentais, que transformem os entendimentos que os seres humanos nutrem pela natureza. Essas compreensões são heranças colonialistas, baseadas em dominação e exploração, e precisam ser superadas com urgência se quisermos garantir um futuro para nossa espécie. Nesse sentido, desenvolver relações saudáveis com seres vivos não humanos, tal como o Ipê-rosa, pode contribuir para essa mudança de concepção e para conscientização sobre o papel do ser humano no planeta (Reigota, 2009; Krenak, 2022; Freire, 2023).

Por fim, acreditamos que a educação infantil possui impacto na formação cidadã de tal forma que as atividades desenvolvidas possam contribuir posteriormente nas suas vivências escolares, no desenvolvimento de responsabilidades e na construção de valores pessoais (Craidy; Kaercher, 2009). A escola precisa ser o local de expansão da curiosidade das crianças, oferecendo as bases para a construção do conhecimento (Freire, 2023).

Para o contexto amazônico e marajoara, o projeto representa uma forma de resistência às ameaças à natureza que, conseqüentemente, levam a prejuízos para as comunidades locais. À medida que são formados cidadãos ambientalmente conscientes, são construídas também possibilidades de enfrentamento dessas ameaças. Conhecer e respeitar a natureza, reconhecendo-se parte dela, faz com que sejamos conscientes de nosso papel e lugar no planeta, lutando para preservar e combater os crimes ambientais que vêm sendo naturalizados no contexto atual de crise.

Além disso, essa resistência precisa ser estimulada no contexto marajoara, onde as comunidades ribeirinhas representam uma boa parte da população. Elas conseguem, muitas vezes, viver apenas da subsistência, em um modo de vida tradicional e pouco agressivo ao ecossistema. No entanto, sofrem com as consequências de grandes empreendimentos agropecuários e extrativistas. Precisam de visibilidade, por meio de relatos como esse, para serem protagonistas de suas próprias práticas sociais e educativas (Carmo; Carmo, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências escolares que se esforçam em aproximar as pessoas da natureza necessitam ser amplamente realizadas e normalizadas. É fundamental que, desde cedo, sejam oferecidos recursos para cultivar a consciência de que somos parte do planeta Terra, e não proprietários de recursos naturais. Muitas vezes, o ensino reforça esse local de dominação dos seres humanos sobre a natureza ao distanciar as práticas do ambiente natural. É preciso resgatar a conexão dos seres humanos com o restante da natureza, e a educação se mostra uma ótima ferramenta para isso.

Essa necessidade de conscientização é evidente quando se trata do maior bioma brasileiro, a Amazônia. Ainda mais em contextos como da Ilha do Marajó, onde as comunidades vivem sob constantes ameaças junto ao restante da natureza, como o desmatamento, as queimadas e o garimpo, ao mesmo tempo que têm pouco amparo dos órgãos públicos em educação, infraestrutura, saúde e saneamento.

Nesse sentido, esforços como o da professora que narra essa e tantas outras histórias são imprescindíveis para despertar a consciência ambiental nas crianças desde cedo e construir uma cidadania que envolva não apenas seres humanos, mas também os demais seres. Mas, principalmente, que formem cidadãos com senso de responsabilidade sobre a natureza e atuantes no combate a crise climática.

REFERÊNCIAS

- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. Educação infantil: pra que te quero?. Artmed Editora, 2009.
- CARMO, Eunápio Dutra do; CARMO, Éder Dutra do. A força da palavra dos vulnerabilizados pela desigualdade social: Paulo Freire e comunidades ribeirinhas no Marajó. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 16, e2116641, 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-

43092021000100236&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 jan. 2025. Epub 21-Out-2021.
<https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.16.16641.053>.

PARÁ, Governo do. Polo Marajó. Disponível em: <https://www.setur.pa.gov.br/polo-marajof#:~:text=O%20Polo%20Maraj%C3%B3%20%C3%A9%20constitu%C3%ADdo,da%20Boa%20Vista%20e%20Soure>. Último acesso: 5 de dezembro de 2024.

LEGISLATIVA, Câmara. Comissão debate no Pará o baixo IDH do arquipélago do Marajó. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/413245-comissao-debate-no-para-o-baixo-idh-do-arquipelago-do-marajo/>. Último acesso: 5 de dezembro de 2024.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 77ª edição. Ed. Paz e Terra: São Paulo, 2023.

KRENAK, A. Futuro Ancestral. Editora Companhia das Letras. 1ª ed, 122 p., São Paulo, 2022.

REIGOTA, M. O que é educação ambiental. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

TRISTÃO, Martha. Educação Ambiental e a descolonização do pensamento. REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, p. 28–49, 2016.

GRZEBIELUKA, Douglas; KUBIAK, Izete; SCHILLER, Adriane Monteiro. Educação Ambiental: A importância deste debate na Educação Infantil. Revista Monografias Ambientais-REMOA, v. 13, n. 5, p. 3881-3906, 2014.

Submetido em: 27 de janeiro de 2025.

Aprovado em: 16 de maio de 2025.

Publicado em: 01 de julho de 2025

Autoria:

Autor 1

Nome: Barbara Sepulveda

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: bsepulveda@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9946-286X>

País: Brasil

Autor 2

Nome: Edenise dos Anjos das Neves

Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Portel

E-mail: edenisedosanjos@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9318-7322>

País: Brasil

Autor 3

Nome: Mayara Larrys

Instituição: Museu Paraense Emílio Goeldi

E-mail: mayaralarrys@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5501-4045>

País: Brasil.